

OS MILITARES E A POLÍTICA DURANTE A REPÚBLICA*

– Prudente José de Moraes Barros e Canudos

Parte XXXVI

MARIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

Observação do articulista

Introdução

Outras considerações

A quarta expedição

A missão recebida

O caminho de Canudos

A demora

Na Favela

A Coluna Savaget

O combate da 4ª Brigada do Coronel Teles

O combate da 6ª Brigada do Coronel Pantoja

O início do revés

OBSERVAÇÕES DO ARTICULISTA

Na descrição da campanha militar da 4ª Expedição, ative-me, tão-somente, a *Os Ser-*

tões, por entender que Euclides da Cunha, presente àquele evento, é, de longe, quem melhor o descreve e quem, com seu brilhantismo, torna mais interessante a leitura.

* N.R.: Aos mais interessados no assunto, a *RMB* divulga a existência de uma interessantíssima publicação de 62 páginas de autoria da Diretoria de Assuntos Culturais do Exército, que ilustra, em fotografias, mapas, diagramas e alguns textos a Quarta Expedição da Guerra dos Canudos. A publicação encontra-se na Biblioteca do Exército.

Algumas dessas fotos e diagramas foram reproduzidas para dar maior interesse ao presente artigo.

Além das obras citadas na Bibliografia, consultei os seguintes autores na elaboração deste capítulo:

– Pedro Calmon, *História do Brasil*, vol. 6;

– Rocha Paulo, *História do Brasil*, vol. 5;

– Tristão de Alencar Araripe, *Expedições Militares contra Canudos, seu aspecto marcial*;

– Nelson Werneck Sodré, *A História Militar do Brasil*;

– Pandiá Calógeras, *Formação Histórica do Brasil*;

– Hélio Viana, *História do Brasil*, vol. II; Canudos, Campanha Militar (IV Expedição), coleção fotográfica comentada editada pelo Ministério do Exército.

INTRODUÇÃO

Prudente de Moraes reassumiu o governo no dia 4 de março de 1897*.

A 7, a Capital Federal e o Brasil foram sacudidos pelo desastre da 3ª Expedição e pela morte de Moreira César. A reação popular, incentivada pela imprensa, foi imediata e violenta.

O Presidente, desprestigiado, fora envolvido pelo acontecimento.

A Nação levantava-se contra Antônio Conselheiro: para os republicanos, moderados ou jacobinos, o místico era a ponta de lança dos solenes monarquistas, que, com ele mancomunados, preparavam a contra-revolução restauradora.

Os *meetings*, correrias e arruaças dominavam o centro da capital da República. O Largo da Carioca e a Rua do Ouvidor comandavam a baderna. Políticos, jornalistas, oradores insuflavam a multidão. O jacobinismo imperava e estes, junto com

florianistas**, clamavam por vingança. As mortes de Moreira César, Tamarindo e tantos jovens oficiais não poderiam ficar impune. Estava em jogo a honra do Exército.

Prudente de Moraes continuou sendo acimado de fraco, o “biriba”, e até de simpatizante da monarquia – o maior dos insultos.

Na Capital e no Sul do País desconhecia-se quem era o Conselheiro, suas origens, sua vida, sua pregação, seu envolvimento com os políticos baianos. De Canudos sabia-se menos ainda. Os conhecimentos limitavam-se às três expedições por ele derrotadas.

Mas, para que saber? As redações dos jornais, dos mais respeitados aos pasquineiros jacobinos, fabricavam os “fatos”. Não havia, pois, o que duvidar.

Nesse ambiente, a lógica, o critério, o bom senso passaram a valer nada. Assim, do ponto de vista estritamente político, o Governo deveria agir sem perda de tempo, isto é, organizar a quarta e definitiva expedição contra Canudos.

* * *

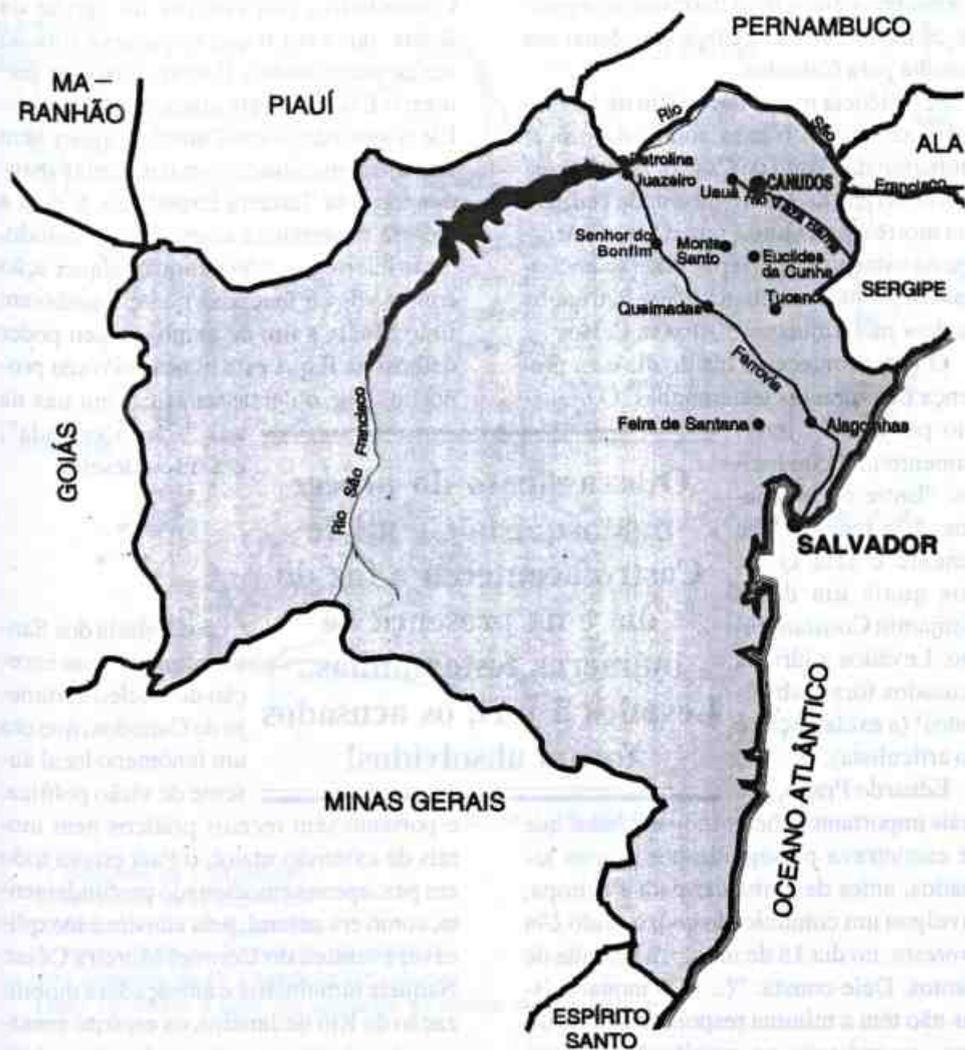
Os donos de terra no sertão baiano “tinham clara percepção do caráter inofensivo e da grande pobreza da comunidade canudense. Os que se manifestavam contra (na Capital Federal), como Joaquim Nabuco, não eram fazendeiros da região. A maioria, como Rui Barbosa, preferiu calar, embora soubesse que os sertanejos, ‘que só conhecem o arado eleitoral, estavam sendo vítimas de manipulação política’¹, dos donos do poder na Bahia.

Manoel Vitorino compareceu ao Clube Militar. Discursou com tiradas de efeito e,

* NA.: Ver *RMB*, vol. 120, nº 7/9 – jul./set. 2000, p. 31.

** NA.: Todo jacobinista era florianista, porém nem todo florianista era jacobino.

SERTÃO DO CONSELHEIRO (HOJE)



A região de operações abrangeu quase todo o nordeste baiano, entre o vale do Rio São Francisco e o corte da ferrovia Salvador – Queimadas – Juazeiro, então única via de acesso estratégica existente na área. Algumas localidades ganharam nomes novos, como Euclides da Cunha (ex-Cumbe) e Cícero Dantas (ex-Bom Conselho) e a terceira Canudos foi erguida sobre o povoado de Cocorobó.

Acima, temos o mapa simplificado da situação geográfica do Estado da Bahia, nos dias atuais, ressaltando o grande lago de Sobradinho, cujas águas encobriram várias cidades, ribeirinhas de porte razoável, tais como Casanova, Pilão Arcado, Sento-Sé e Remanso, que tiveram destino idêntico a Canudos.

ao colocar suas palavras na boca de Moreira Cesar – já morto –, parecia querer eximir-se da responsabilidade que lhe cabia – e somente a ele –, de determinar a organização da Terceira Expedição e ordenar sua marcha para Canudos.

A violência na cidade do Rio de Janeiro culminaria com o assassinato do prócer monarquista Gentil de Castro. A turba percorria as ruas do centro da cidade pedindo sua morte e a de Ouro Preto. O crime ocorreu na estação ferroviária, onde se encontravam prontos a embarcar para Petrópolis os dois monarquistas e Afonso Celso.

O fato aconteceu à luz do dia e na presença de inúmeras testemunhas. O inquérito policial foi internamente mal conduzido. “Entre os indiciados, dois majores, um tenente e sete civis, dos quais um deles Benjamin Constant Filho. Levados a júri, os acusados foram absolvidos! (a exclamação é do articulista).”²

Eduardo Prado, dos mais importantes chefes monarquistas, que se encontrava perseguido por grupos armados, antes de embarcar para a Europa, divulgou um comunicado com o título *Um protesto*, no dia 18 de março, na cidade de Santos. Dele consta: “(...) Os monarquistas não têm a mínima responsabilidade direta, ou indireta, na revolta de Antônio Conselheiro e nenhum auxílio moral ou material lhe têm emprestado. O governo sabe, com certeza mais completa, que é verdadeira esta minha afirmação. E, apesar disso, o governo apadrinha a atrocíssima calúnia de que os monarquistas são culpados dos revezes militares das armas da República. O único culpado é o governo republicano, (...)”³. Eduardo Prado, sem

pre impetuoso e direto no que escrevia, estava coberto de razão.

O “responsável” por tudo, Antônio Conselheiro, nos confins do sertão da Bahia, ignorava o que se passava fora do seu pequeno mundo. Porém, tinha uma certeza: o Exército viria atacá-lo novamente. Ele o aguardaria em Canudos, agora bem armado e municiado com o material abandonado pela Terceira Expedição. E com a valiosa experiência acumulada. Contudo, neste interregno, não tomou qualquer ação contra vilas e fazendas que circundavam Belo Monte a fim de ampliar o seu poder defensivo. É que este nunca foi o seu propósito. Que o deixassem ficar em paz na

sua “Canaã sagrada”; era o seu desejo.

O assassinato do prócer monarquista Gentil de Castro aconteceu à luz do dia e na presença de inúmeras testemunhas.. Levados a júri, os acusados foram absolvidos!

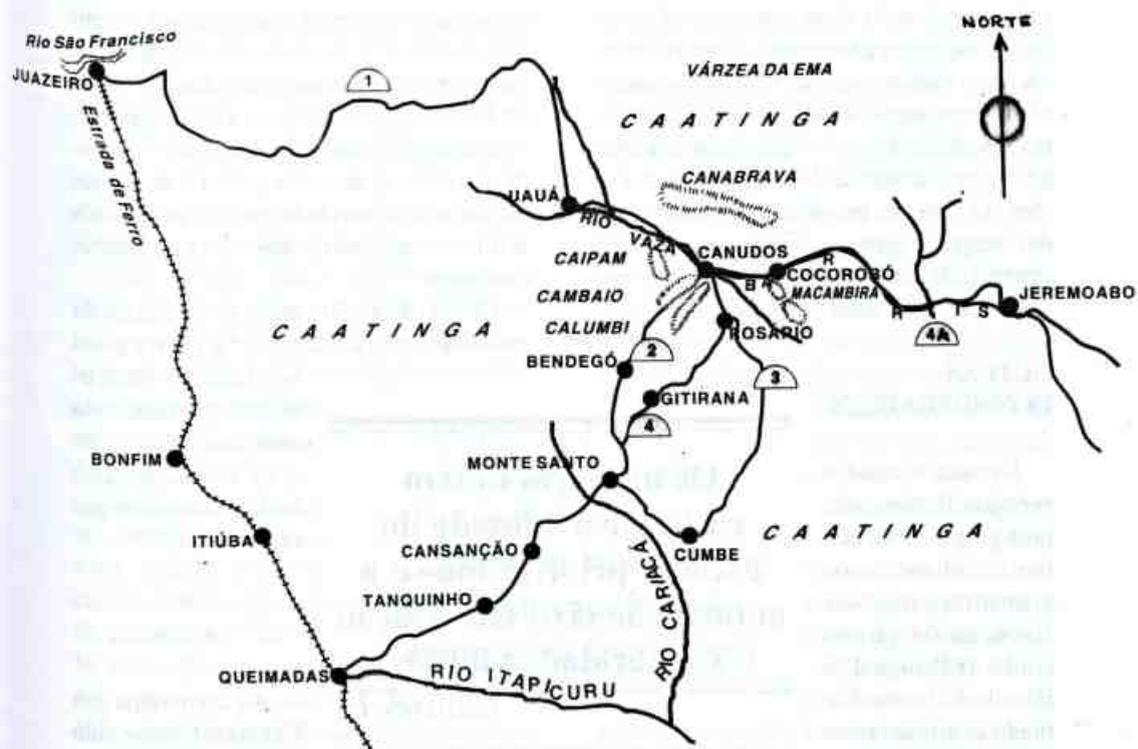
*
* *

José Maria dos Santos comenta: com exceção do núcleo sertanejo de Canudos, que era um fenômeno local ausente de visão política,

e portanto sem receios práticos nem morais de extensão maior, o País estava todo em paz, apenas emocionado profundamente, como era natural, pela sinistra e inexplicável aventura do Coronel Moreira César. Naquela tumultuária e ameaçadora mobilização do Rio de Janeiro, os espíritos sensatos não viam, portanto, onde estavam os inimigos a combater”⁴

Já José Maria Bello assim vê a magna questão: “(...) A luta incerta contra fanáticos broncos nos sertões adustos da Bahia não era de natureza a despertar entusiasmos. Todavia, a desconfiança, de que somente muito mais tarde pôde libertar-se o próprio Euclides da Cunha, sobre intuitos restauradores da sublevação sertaneja, fo-

REGIÃO DE OPERAÇÕES – Esboço geográfico – Escala: 1/1.000.000



VIAS DE ACESSO UTILIZADAS

- 1) Itinerário da I Expedição
- 2) Itinerário da II Expedição
- 3) Itinerário da III Expedição
- 4) Itinerário da IV Expedição (1ª coluna)
- 4A) Itinerário da IV Expedição (2ª coluna)

Obs.: Os cursos d'água que aparecem no esboço são intermitentes.

O envolvimento direto do Exército na luta fratricida deflagrada no alto sertão nordestino – por decisão do Governo Federal – teve início em 6 de novembro de 1896, data em que a I Expedição (uma centena de homens, ao comando do Tenente Manuel da Silva Pires Ferreira) partiu da capital baiana para Juazeiro (BA), via ferroviária. A missão foi cumprida com o ataque final a Canudos em 5 de outubro de 1897 (IV Expedição, 1 (um) corpo-de-exército, sob as ordens do General-de-Brigada Arthur Oscar de Andrade Guimarães).

As II e III Expedições não obtiveram êxito (batalhão reforçado e brigada de Infantaria comandados pelo Major Febrônio de Brito e o Coronel Antônio Moreira César, respectivamente). Cerca da terça parte da Força Terrestre foi empenhada nos combates contra os guerrilheiros de Antônio Conselheiro.

mentada e auxiliada pelos monarquistas, agia como reativo ao desânimo, sobretudo entre a jovem oficialidade republicana. Se militares de mais altos postos se esquivava, à longínqua campanha, os mais novos sacrificavam-se com bravura ao que supunham ser a defesa da República".⁵ A Quarta Expedição desmente que oficiais graduados esquivavam-se da campanha nos ser-tões. Quanto às três primeiras, comandadas, respectivamente, por tenente, major e coronel, obviamente, não poderiam ter "militares de mais altos postos."

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Deveria Canudos ser classificada como uma guerra? Pelo efetivo mobilizado, seria afirmativa a resposta. Exceção da guerra contra o Paraguai, o Brasil não havia chamado às armas tantos dos seus filhos. Apenas com uma diferença: em Canudos, para lutar contra brasileiros, irmãos deserdados é verdade, que, talvez, por isso pudessem ser eliminados.

*
* *

"Em 1832, veio a lume uma obra que marcaria profundamente as considerações sobre a guerra: era o trabalho de Carl Von Clausewitz intitulado *Da Guerra*".⁶

O Professor Antônio Luiz Porto e Albuquerque, em seu trabalho *O pensamento sobre a guerra no Brasil no século XIX*, estabelece observações que tiveram por base conceito de Clausewitz. Destacaria: "Foi a partir dessas constatações que

Clausewitz elaborou sua filosofia de guerra, partindo da idéia perfeitamente definida de que a guerra não é um fim em si mesma (a guerra pela guerra), mas é um instrumento da política".⁷ "Dessas reflexões decorre que os militares devem executar a vontade do Estado, priorizando-se a autoridade civil em relação à autoridade militar."⁸ A conclusão óbvia é de que a guerra é responsabilidade da autoridade civil; a autoridade militar, cumprindo ordens, é, tão somente, executora.

O mais difundido preceito do teórico da guerra alemão é o de que "a guerra é um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios".⁹

*
* *

Os militares devem executar a vontade do Estado, priorizando-se a autoridade civil em relação à autoridade militar.

Clausewitz

Ao aceitarmos que Canudos tivesse sido uma guerra, quais teriam sido seus instrumentos políticos? Impedir o retorno dos monarquistas? Eliminar Antônio Conselheiro? Então, estaria fora dos princípios clausewitzianos, pois não existia o perigo da restauração e a pura e simples eliminação do Conselheiro instituir-se-ia em "um fim em si mesma (a guerra pela guerra)". Todavia, o mais importante a registrar foi que a Guerra de Canudos constituiu-se em responsabilidade da autoridade civil, a começar pelo governador da Bahia, Luiz Viana, e a terminar com o Presidente Prudente de Moraes, após passar pelo vice-presidente em exercício Manoel Vitorino.

Ao aceitar-se haver sido uma guerra, que tipo de guerra teria sido Canudos? Responde o Coronel Davis Ribeiro de Sena,

ao discordar daqueles que a tratam como uma guerra de guerrilhas: "(...) trata-se de uma abordagem distorcida da realidade canudense, pois aquela campanha foi uma luta de natureza convencional, ou seja, o inimigo estava lá, sem intenção de recuar ou render-se".¹⁰

Poderia ser acrescentado que, nas proximidades de Belo Monte, os defensores executaram ações que poderiam ser classificadas como do tipo guerrilha.

Muitas outras indagações deveriam ser feitas, pois "o fenômeno Canudos é fato histórico extraordinário, de difícil entendimento, talvez o mais intrincado evento já acontecido em nossa memória e ainda carente de avaliação desapassionada."¹¹

Poder-se-ia, contudo, caracterizá-la como uma guerra insurrecional. Porém, que tipo de insurreição? Ter-se-ia, então, que se imaginar tratar-se de uma ação violenta do poder constituído contra uma insurreição fabricada pelos políticos baianos e fazendeiros do sertão, estimulada pela hierarquia da Igreja Católica e pelo governo da Bahia. Após o envolvimento maior do Exército na Segunda Expedição, foi transformada pela imprensa da Capital Federal em questão nacional, que foi assimilada politicamente por Manoel Vitorino. Após Moreira César, não haveria mais condições para uma solução pacífica.

"Fabricada" porque fez de Antônio Conselheiro a origem da restauração, que teria o apoio de monarquistas do Brasil e do exterior. Todavia, admitir tal hipótese, hoje ou há um século, não se coaduna com a lógica ditada pela inteligência.

Quem sabe devesse haver uma mudança no raciocínio seguido. Seria a guerra de uma sociedade composta de ilhas litorâneas paulatinamente encandecidas, sem contato com o interior, cuja insânia, após Moreira César, levantou a quase totalidade da Nação contra os jagunços. Estes, abandonados pelo poder público e uma presença constante e dedicada da Igreja Católica, reuniram-se em torno de um pregador (outros haviam por aqueles sertões) que os empolgou no sentido de construir uma sociedade miserável na terra, mas que receberia, fruto de orações, de penitências e de fervor religioso peculiar, a mai-

or das bençãos, a vida após a morte, um paraíso junto a Deus.

No entanto, imaginar-se no Conselheiro e seus seguidores qualquer propósito político é contrariar o bom senso.

Escreve José Maria dos Santos: "A revolta

jagunça no sertão baiano não teve, por si mesma, a menor significação política. (...), só a desorganização geral dos serviços policiais e da justiça" a tornou possível em tão grandes proporções."¹²

"Muitos anos depois, diria Antônio Horário Pereira, (Canudos) se resolveria pacificamente por padres esclarecidos e assistentes sociais..."¹³ Porém, este caminho não seria mais possível após haver começado as ações de força. Talvez, ainda, o fosse até a Segunda Expedição. Após o desastre de Moreira César, torna-se, quem sabe, compreensível a observação de Glauco Carneiro de que "o Governo não poderia tolerar a permanência dessequistos de seus adversários." A história a re-

Imaginar-se no Conselheiro e seus seguidores qualquer propósito político é contrariar o bom senso

* N.A.: Refere-se à polícia e justiça do Estado da Bahia.

** N.A.: Antônio Conselheiro ou monarquistas?

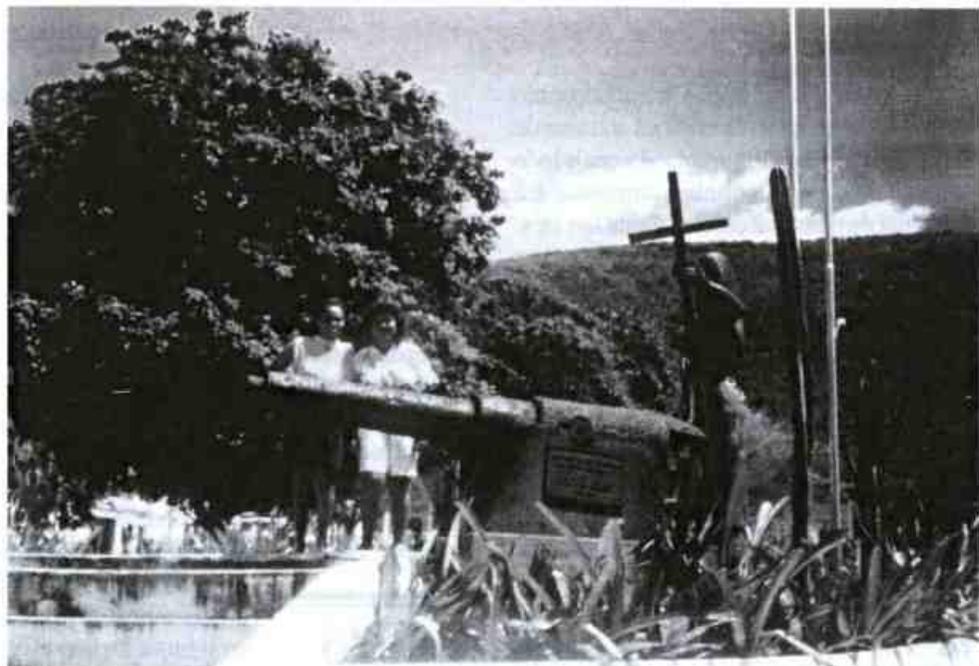


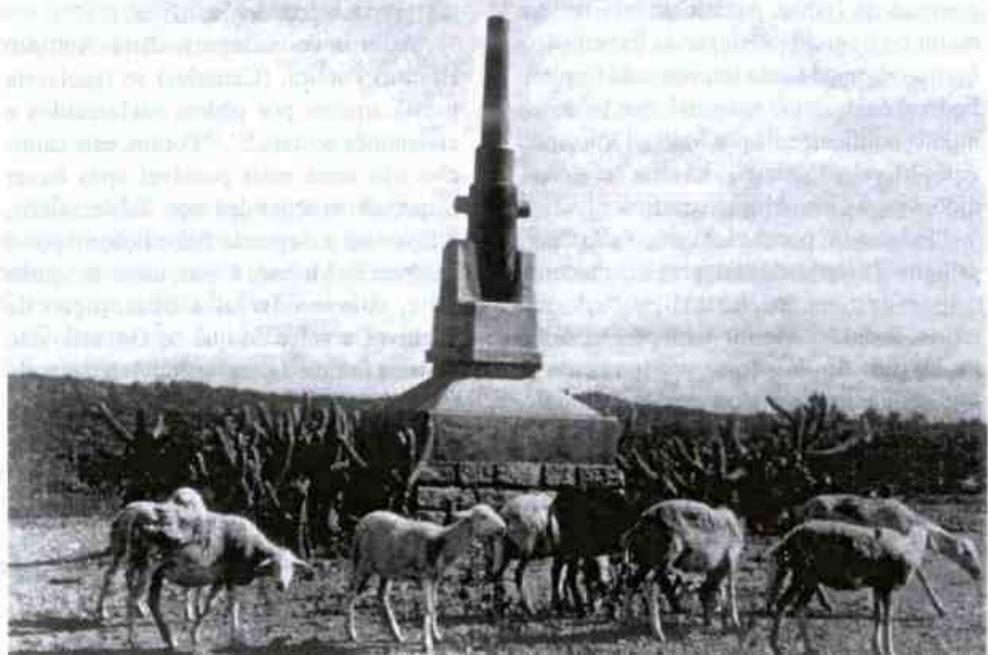
Foto: Haechel Meyer, 1940

A "MATADEIRA": LENDA E REALIDADE

É uma das célebres lendas acalentadas pelos estudiosos da saga caatingueira, porquanto a realidade é que essa peça de 97mm não participou da ação: sua culatra explodiu no terceiro tiro, logo ao entrar em bateria (29 Jun 897), matando dois oficiais e uma praça da guarnição de tiro, além de ferir outros.

A temível "matadeira" (canhão *Withworth* 32) foi transformada em monumento aposto à entrada principal de acesso à segunda Canudos, por engenheiros e operários do antigo IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca), que antecedeu ao DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca). Por força da inundação, foi recolhida ao quartel de Artilharia de Costa, em Amaralina (Salvador) e hoje é a principal atração da praça central de Monte Santo, no alto sertão baiano.

Foto: Davis Sena, 1989



prova, até hoje, todavia, pela falta de habilidade em tratar um problema social com balas. E a Conselheiro pelo menos se deve o serviço de haver despertado a atenção do Brasil para a bravura de seus filhos e para o abandono em que estes vivem.”¹⁴

Prudente de Moraes estava prisioneiro da situação. Não possuía apoio político, de imprensa ou popular, para conduzir os destinos do País. Ao seu redor, os adversários, mais do que pediam, exigiam ação pronta e definitiva contra Antônio Conselheiro e seus seguidores aquartelados na “Jerusalém de Taipa”.

Premido pelas circunstâncias, determinou a formação imediata da Quarta Expedição. Com essa medida, esperava encontrar, pelo menos, a compreensão de seus opositores. No pensamento do Governo, não importava o grau de instrução, de adestramento e a organização das brigadas (ou batalhões) a serem enviadas à Canudos. Seria, como se diz, a todo o momento, hoje, uma questão de vontade política.

Nesta ocasião, “frações do Exército atingiram o nível operacional mais baixo de toda a História Militar”.¹⁵ Os exercícios com a tropa praticamente inexistiam. Os soldados, dentre eles “marginais e aventureiros, compareciam ao quartel apenas para dar ação de presença. (...) O comandante de unidade valor batalhão de infantaria responsabilizava-se pelo recrutamento, disciplina, pagamento e promoção das praças, aquisição de material e de animais. A dotação orçamentária era votada para a Unidade diretamente pelo Congresso Nacional, sobre um efetivo previsto em lei”.¹⁶ Os ofici-

ais superiores não eram preparados para exercer as funções de Estado-Maior. Comandantes encontravam-se, “no mínimo desatualizados com os avanços tecnológicos e táticos do momento, parados no tempo, praticamente investidos de poder de polícia, (...)”.¹⁷

“Não tínhamos Exército na significação real do termo em que se inclui, mais valiosa que a existência de alguns milhares de homens e espingardas, uma direção administrativa, técnica e tática, definida por um estado-maior enfeixando todos os serviços, desde a condução das viaturas aos lineamentos superiores da estratégia, ór-

gão preparador por excelência das operações militares”,¹⁸ registra Euclides da Cunha, após acompanhar e viver as dificuldades da Quarta Expedição, e acrescenta: “Por fim não havia soldados: os carregadores de armas que ali desembarcavam não vinham dos polígonos de tiro ou

campos de manobra. Os batalhões chegavam, alguns desfalcados, menores que companhias, com armamento estragado e carecendo das noções táticas mais simples. Era preciso completá-los, vesti-los, adestrá-los e instruí-los”.¹⁹

Completa Humberto Peregrino: “Não era só que fosse retrógrada e mal aparelhada a organização militar brasileira ao tempo de Canudos; era, ainda, de qualquer forma inadequada ao tipo de luta que ali devia sustentar.”²⁰

A QUARTA EXPEDIÇÃO

Em clima de descrédito no Exército, de fraqueza do Presidente e da pressão política

Nesta ocasião, “frações do Exército atingiram o nível operacional mais baixo de toda a História Militar”. Os exercícios com a tropa praticamente inexistiam
(Coronel Davis Ribeiro de Sena)

e da baderneira de jacobinos e florianistas, a escolha do comandante recaiu sobre o General Artur Oscar de Andrade Guimarães, então comandante do 2º Distrito Militar, florianista fervoroso e vencedor da campanha contra os federalistas de Gumerindo Saraiva. Com ele, dois outros generais: Cláudio do Amaral Savaget e João da Silva Barbosa. Os comandantes eram experientes e, desse modo, sabiam da qualidade da tropa colocada sob as suas ordens.

A mobilização de “20 batalhões acampados no Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro”²¹ foi extremamente rápida.*

Desse modo, “19 dias após a tragédia de Moreira César e já a Quarta Expedição se transportava para Queimadas”²².

A expedição foi dividida em duas colunas, cada uma composta de três brigadas, cujos comandos foram entregues, respectivamente, aos coronéis Joaquim Manuel de Medeiros, Inácio Henrique Gouveia, Antônio Olímpio da Silveira, Carlos Maria da Silva Teles, Julião Augusto Sena Martins e Donaciano de Araújo Pantoja.

* * *

Os oficiais, desde o seu comandante, possuíam motivação. Esta poderia ser resumida na necessidade e na obrigação de salvar a República. “(...) de ligar à geração futura uma República honrada, firme e res-

peitada”²³, segundo o contido na exortação do General Artur Oscar ao assumir o comando. Mas o que dizer das praças (soldados)? Estas, reunidas em diferentes Estados, “retiradas do convívio familiar, metidas nos porões e conveses dos navios e conduzidos àquele sertão brabo sem a menor explicação, (...)”²⁴.

Ocorre que parte da soldadesca, em sua maioria analfabeta, era oriunda do Norte-Nordeste. Crescera ouvindo histórias do Conselheiro, de seus milagres, de seu caminhar durante anos pelo sertão, onde pregava em louvor a Deus, cheio de bondade.

Sabiam também de suas façanhas, de não aceitar impostos da República, da vitória contra a polícia em Masseté, quando caminhava para Juazeiro, às margens do São Francisco, a fim de apanhar a madeira que havia encomendado e pago, para a continuação da construção da igreja e que

recebera a notícia de que não seria entregue.* Este soldado era caboclo, da mesma etnia daquele do sertão. “No fundo identificava-se mais com a gente do Conselheiro.”²⁵

“A rede de apoio e solidariedade – baseada em laços familiares e de compadrio, que, ao atrair seguidores, Antônio Conselheiro foi tecendo por todo o sertão – foi, até o final da guerra, a sua maior arma contra os ataques das tropas oficiais. O Major Febrônio de Brito percebeu com clareza o poder desse intrincado emaranhado de relações de parentesco, ao comentar depois do desastre da Segunda Expedição: ‘Devese desconfiar de tudo e de todos; quem lá

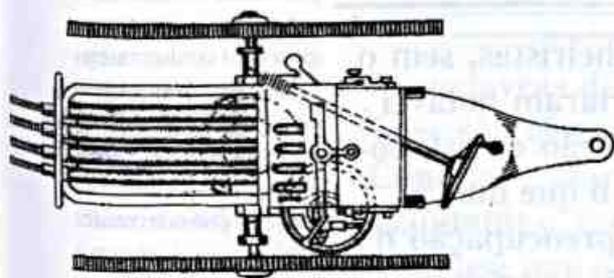
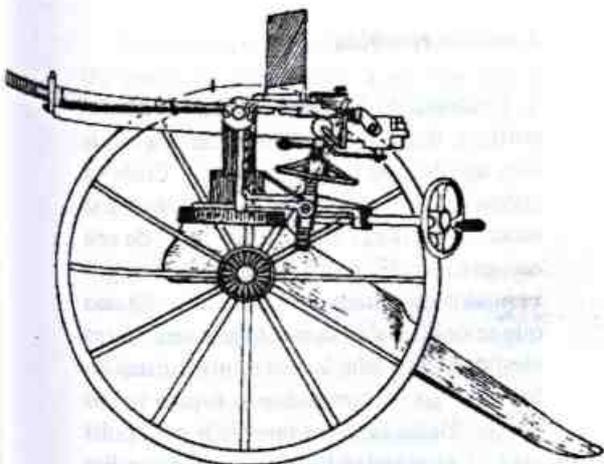
As praças convocadas eram caboclos da mesma etnia daquele do sertão.

“No fundo identificavam-se mais com a gente do Conselheiro.”

(Coronel Davis Ribeiro de Sena)

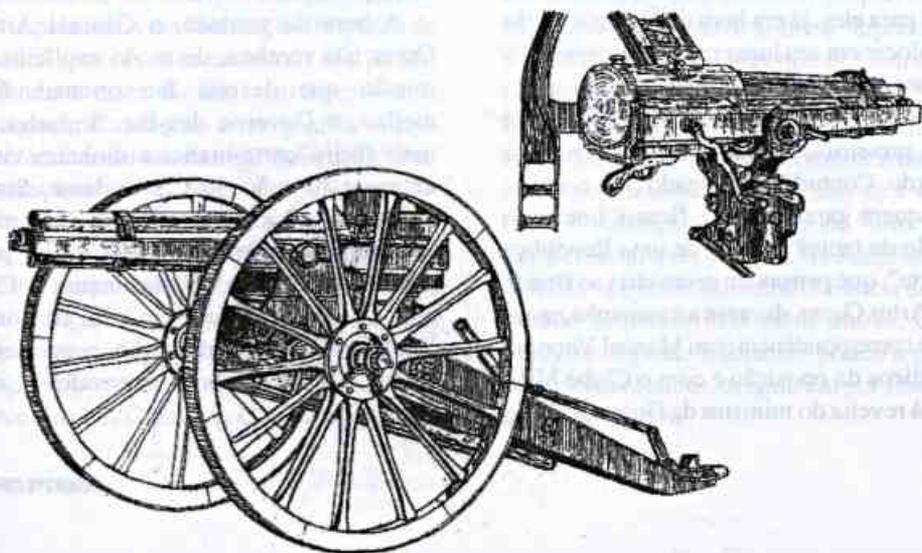
* N.R.: Para eliminar um punhado de jagunços, o Governo Federal convocou tropas de 10 estados!

* N.A.: Este episódio pode ser tomado como o início da Guerra de Canudos.



ARMAS COLETIVAS EMPREGADAS

O canhão Hotchkiss, calibre 47 mm, de tiro rápido, era constituído por 5 canos dispostos em círculo e que giravam em torno de um eixo fixo. Descansava sobre um reparo monoflexa. A caixa da culatra alojava o extrator, o regador e o percutor destinados a disparar a peça 5 vezes, a cada volta completa. Sua guarnição era composta de apenas 2 homens: o atirador, responsável pela pontaria e o disparo da arma, e o municionador os quais, adestrados, poderiam fazer a arma trabalhar na cadência de 80 tiros por minuto.



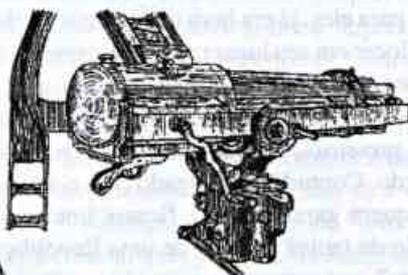
Além da artilharia mencionada ao longo do texto deste álbum, foi utilizado na guerra de Canudos, desde a II Expedição, armamento coletivo moderno, mas desconhecido, que teve reduzido aproveitamento prático, em razão das dificuldades ambientais (poeira, canícula, transporte, remunição etc.) e da limitada capacitação das guarnições. Aqui, apresentamos o canhão-revólver, de tiro rápido, e a recém-nascida metralhadora, ambos de ignorada influência na decisão dos embates.

As baterias desdobradas na linha de contato (quinze bocas de fogo) estavam equipadas com material Krupp C24, 75mm, aligeirado, tiro lento.

Nesta página, temos a metralhadora Nordenfelt, 11 milímetros, 1891.

Em seguida, o canhão de campanha Hotchkiss, 47 milímetros, 1888. Afora o calibre e o peso, seu desenho técnico era quase idêntico ao canhão de 37 milímetros, 1879, ambos de origem francesa. As datas referem-se aos anos em que foram adquiridos pelo Exército, assim como as demais armas aqui citadas.

A metralhadora Nordenfelt 11 mm, era uma arma coletiva, montada sobre o reparo por meio de um bastidor, onde se assentavam os munhões que permitiam a utilização dos quatro canos fixos e paralelos. No mecanismo de disparo, protegido por uma caixa metálica, alojavam-se os 4 extratores, o percussor e demais peças. A arma possuía 4 gatilhos, acionados por apenas uma tecla, que deslizava em ranhura longitudinal.



(Canudos) não tem filho, tem genro, tem irmãos, e as exceções são raras.”²⁶

Assim, os conselheiristas desfrutavam de eficiente rede de informantes; sem o saber, criaram notável segunda seção de estado-maior, o que nunca constituiu preocupação das expedições enviadas a Canudos. E, havia como organizá-las, pois muitos eram os fazendeiros da região que viam no Conselheiro um contrário aos seus interesses.

*
* *

A escolha do General Artur Oscar e o forte aparato militar (pelo menos em número de homens e material) colocado a sua disposição despertaram ambições maiores na facção jacobino-florianista. Anteviram a vitória, além de certa, rápida. O nome do comandante bastaria para o otimismo.

Começaram, logo, a ver o General Manoel Vitorino, primeiro afastando o Governador baiano, Luiz Viana, para, em seguida na triunfal chegada à Capital Federal, depor o Presidente da República. Afinal, para eles, já era hora de afastar o *biriba* e colocar em seu lugar um homem que lembrasse Floriano Peixoto.

Nada indica que Artur Oscar mantivesse tais pretensões ou com elas estivesse de acordo. Contudo, empolgado com o sucesso, quem garantiria que ficasse imune ao apelo de tantos adeptos de uma República “forte”, que pensavam necessária ao Brasil.

Artur Oscar, durante a campanha, manteve correspondência com Manuel Vitorino, políticos da oposição e com o Clube Militar, à revelia do ministro da Guerra.

A missão recebida

Prudente de Moraes, antes de tudo um político, deu, com a rapidez de sua decisão, aquilo que a Nação exigia. Embora cobrado por todos os lados, o apoio e o incentivo maiores vieram, por carta, de seu amigo e correligionário Campos Sales, governador do Estado de São Paulo: “Acho que se deve acabar com isto já e sem meias medidas”. Em relação aos monarquistas do Sul do País, recomendou o futuro presidente: “Basta fazê-los intimidar pela polícia (...), suspendendo a sua imprensa e dis-

pensando as suas reuniões”.²⁷ O que se seguiu é do conhecimento do leitor, com a série de violências cometidas, abafadas pela censura ou auto-censura da imprensa conivente. Tudo isso, é sempre bom lembrar, durante o primeiro governo civil da República.

A tradução das palavras de Campos Sales em relação a Canudos é clara: arrasá-la e eliminar seus habitantes. Tudo muito simples: que o Exército faça e se responsabilize por esse ato; nunca os políticos.

A bem da verdade, o General Artur Oscar não recebeu, de modo explícito, a missão que deveria lhe orientar. Ou melhor, o Governo deu-lhe, de todas, a mais fácil: “carta branca e dinheiro vivo entregue na mão do Comandante. Simples para quem dava e de difícil execução para quem recebia. Assim os comandantes das frações destinadas a Canudos eram investidos em suas funções. Nenhuma diretriz, orientação, o que seja. Apenas ‘lavar a honra enxovalhada do Exército’”.²⁸

Os conselheiristas, sem o saber, criaram notável segunda seção de estado-maior, o que nunca constituiu preocupação das expedições enviadas a Canudos

Entretanto, implicitamente, sem constar de qualquer documento, a missão estava contida nas palavras de Campos Sales. E foi cumprida.

O caminho de Canudos

Oliveiros Litrento assinala: “Estrategicamente, o General Artur Oscar dividiu as tropas em duas colunas. A primeira seguiria para Monte Santo, a outra partiria de Sergipe, percorrendo o sertão leste da Bahia por Geremoabo, devendo o encontro das duas ser realizado diante de Canudos, onde entrariam conjuntamente em ação.

Opina de modo diverso o Coronel Davis Ribeiro Sena: “O impetuoso Artur Oscar, já em Queimadas, decidiu constituir uma 2ª Coluna, através de Sergipe, aparentemente porque aquele eixo (Queimadas – Monte Santo – Canudos)

não comportava toda a tropa de que dispunha. Sem prever regiões de destino intermediário, decidiu que a tropa se deslocaria pela trilha em “formação de quatro de fundo”, isto é, o escoamento era longo: quando a testa do dispositivo estivesse atingindo Cansação, a retaguarda estaria iniciando o movimento em Queimadas. Daí a criação da 2ª Coluna – a “Talentosa” – não respaldada em decisão tática, mas por imposição geográfica. Enfim, seria uma decisão acertada, desde que fosse estabelecida ligação constante entre ambos. Entretanto, a única medida de coordenação e controle foi determinar a data de encontro em Canudos. Correu o risco in-

concebível para um comandante tático, de ser batido por partes.”²⁹

A ligação constante de Artur Oscar com Savaget seria extremamente difícil. O próprio autor (Cel. Ribeiro Sena), ao apontar no seu excelente trabalho a ausência da firmação do oficial de estado-maior, encerra, a meu ver, o assunto quanto a “coordenação e controle.”

Euclides da Cunha, em sua crítica ao conceito da operação, diz que nada havia mudado em relação às expedições anteriores. A única diferença, a constituição de duas colunas, “cópia ampliada de erros

anteriores, com uma variante única: em lugar de uma eram duas as massas compactas de soldados que iriam tombar, todos a um tempo, englobadamente, nas armadilhas da guerra sertaneja”.³⁰ Embora escrito após a campanha, não foi, exatamente, isto o que ocorreu, como veremos, relatado pelo próprio autor

de *Os Sertões*. Saveget foi perfeito, porém vítima dos erros cometidos por Artur Oscar, a quem teve de socorrer, quando estava pronto para investir sobre a “tapera colossal”. Mostra Euclides que os caminhos do Comboio, do Vauá e da Várzea da Ema ficaram abertos aos jagunços para a fuga, mas principalmente “para comunicarem-se com as cercanias e abastecerem-se a vontade”.³¹ Advogava a criação de “uma terceira coluna, que, partindo de Juazeiro ou Vila Nova e vencendo uma distância equiparada às percorridas pelas outras, com elas convergisse, trancando pouco a pouco aquelas estradas, originando por fim um bloqueio efetivo”.³²

As palavras de Campos Sales são claras: arrasar Canudos e eliminar seus habitantes. Tudo muito simples: que o Exército faça e se responsabilize por esse ato; nunca os políticos

A demora

A concentração das tropas seria na Bahia (Salvador). Dali seguiriam, por trem, para Queimadas. Havia, no entanto, desconfiança em relação aos baianos, seu governador e suas simpatias monárquicas.

Desembarcaram na cidade "com altanaria provocante de triunfadores em praça conquistada".³³ A animosidade, de parte a parte, foi num crescendo, e "traduzia-se ao cabo em desastres e desmandos". "A imprensa e a mocidade do norte, afinal, protestaram e, mais eloqüentes que as mensagens então feitas, falava em toda parte o descontentamento popular prestes a explodir."³⁴

A alternativa encontrada foi a de transportar, de imediato após o desembarque, as tropas para Queimadas. Lá, Artur Oscar estacionou todo o efetivo da

Quarta Expedição e, a 5 de abril de 1897, em Ordem do Dia, organizou-a. O General Savaget seguiu logo para Aracaju e o comandante-em-chefe iniciou o preparo para a investida, concluído ao final de junho.

Houve preocupação no Governo Federal e entre a população com a demora. Mas o que fazer o General Artur Oscar senão armar, vestir, instruir e adestrar os seus recrutas? Improvisou áreas para exercícios e campos de tiro.

Seguiu para Monte Santo, "batalhão por batalhão, iludindo em transporte parcial a carência de viaturas".³⁵ Em Monte Santo, con-

tinuou a rotina de adestramento estabelecida, que, com o correr dos dias, tornava-se cada vez mais enfadonha. Eram cerca de três mil homens que deveriam partir para o combate, mas que ainda não possuíam as necessárias condições, "vivendo à custa dos recursos ocasionais de um município pobre e talado pelas expedições anteriores".³⁶

*

* *

O impetuoso Artur Oscar decidiu que a tropa se deslocaria pela trilha em "formação de quatro de fundo"; quando a testa do dispositivo estivesse atingindo Cansação, a retaguarda estaria iniciando o movimento em Queimadas

Tal situação, que se tornara muito mais que dissabores, poderia ter sido evitada, com mais tempo no preparo das unidades, em suas origens, antes de embarcarem para a Bahia. Os generais e seus coronéis, colhendo informações mais detalhadas com os que participaram das expedições anteriores, e mesmo com os fazendeiros do sertão, poderiam estabelecer

melhor planejamento para a operação.

Contudo, não havia tempo a perder, "era preciso marchar e vencer". "O país inteiro ansiava pela desafronta do Exército e da Pátria..."³⁷ A imprensa, os políticos, os jacobinos-florianistas exigiam; o Presidente queria, pois, politicamente, necessitava do Exército, o quanto antes, no sertão da Bahia.*

Mas o único responsável, com a "carta branca" que astuciosamente lhe fora entregue pelo Presidente da República, era o General-de-Brigada Artur Oscar de Andrade Guimarães. Por conseguinte, não

* N.A.: Não eram somente os jagunços. Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o padre Cícero, congregava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro. (Nota de Euclides da Cunha. *Os Sertões*, p. 326.)

lhe teria cabido, disciplinadamente, bater os calcanhares, fazer continência e seguir para o sertão. Haveria que ter ponderado sobre a situação da tropa com Prudente de Moraes e exigir-lhe tempo. Tempo até para adaptar os uniformes para a luta no sertão. Afinal, os conselheiristas e Antônio Conselheiro encontravam-se em Canudos, e lá permaneceriam, como de fato permaneceram. O poder militar é constitucionalmente

obediente ao poder civil. Porém, existem momentos em que os pontos devem ser colocados nos is. E aquele foi um deles.

*
* *

O General Artur Oscar não inovou. Nada mais fez que repetir o erro de seus antecessores. Porém, os conselheiristas ti-



GENERAL ARTHUR OSCAR

Todos os retratos da Parte XXXVI, são reproduções do livro *Guerra dos Canudos* de autoria de Henrique Duque Estrada Macedo Soares

veram três meses para preparar-se, familiarizarem-se com os novos fuzis (alguns autores consignam que foram usados prisioneiros para esse mister) e manter em plena atividade a rede de informantes.

O Comandante partiu, a 1ª de junho, de Monte Santo para Canudos, com cerca de dois mil homens, a meia ração! Para lá foram marchando os batalhões, que “não tiveram a garantia de uma vanguarda eficaz, de flanqueadores capazes de os subtraírem a surpresas”.³⁸ “Prendeu-lhes, além disso, às ilhargas, a mole de aço de um Withworth de 32, pesando 1.700 quilos”,³⁹ que se constituiu num trambolho para o correto deslocamento da tropa. Tornou-se em enorme trabalho adicional à comissão de engenharia, comandada pelo corajoso, metucioso, competente, enfim, “notável” Tenente-Coronel Siqueira Meneses: “Ninguém até então compreendia com igual lucidez a natureza da campanha, ou era mais bem aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador tornaram-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda; e, infatigável, alheio a temores, aquele comprador, que se formara fora da vida dos quartéis, surpreendia os combatentes mais rudes. (...) Co-

nheciam-no os vaqueiros amigos das cercanias e por fim os próprios jagunços. Assombrou-a aquele homem frágil, de fisionomia nazarena, que, apontando em toda a parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro* preso à bota, lhes desafiara a astúcia, não tremia ante as emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes.

Por sua vez, o comandante-em-chefe avaliara o seu valor. O Tenente-Coronel era o olhar da expedição. Oriundo de família sertaneja e tendo até próximos colaterais entre os fanáticos, em Canudos, aquele jagunço alourado, de aspecto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, e a um tempo impávido e atilado, era a melhor garantia de uma marcha segura. E deu-lhe um traçado

“A imprensa e a mocidade do norte, afinal, protestaram e, mais eloqüentes que as mensagens então feitas, falava em toda parte o descontentamento popular prestes a explodir.”

Euclides da Cunha

que surpreendeu os próprios jagunços.

Entre os caminhos que demandavam Canudos, dois, o do Camboio e o de Massaracá, haviam sido trilhados pelas expedições anteriores. Restava o de Columbi, o mais curto e em muitos pontos menos impraticável, sem as trincheiras alterosas do primeiro ou vastos planos estéreis do último. Tais requisitos faziam com que fosse inevitavelmente escolhido. Nesse pressuposto, os sertanejos fortificaram-no de tal maneira que a marcha da expedição por ali acarretaria desastre completo, muito antes do arraial.

* N.R.: Podômetro – “Instrumento portátil para contagem dos passos percorridos por um caminhante”. (É fixado na perna) (*Dicionário Aurélio*)

O plano esboçado pela comissão de engenharia evitou-o, nortearo a estrada mais para o levante, baixando os contrafortes de Aracati.”⁴⁰

*
* *

Por fim, toda a expedição, ao redor de três mil combatentes, deslocou-se “até ao Aracati, quarenta e seis quilômetros além de Monte Santo, de idêntico modo: as grandes divisões progredindo isoladas, ou concentrando-se e dispersando logo, distanciando-se às vezes demais, contrastando sempre a investida ligeira da vanguarda com o tardo caminhar da artilharia.

Mais afastados ainda, no couce* de toda a tropa, ia o grande comboio geral de munições, sob o comando do Coronel Campelo França e guarnecido com 432 praças, o 5º corpo de polícia baiana – único entre todos que se falhara pelas condições da campanha. Recém formara-se com sertanejos engajados nas regiões ribeirinhas do São Francisco. Mas não era um batalhão de linha, como não era um batalhão de polícia; era um batalhão de jagunços.”⁴¹

O 5º Corpo e o comboio deveriam seguir ao centro da expedição, mas, inexplicavelmente, partiram por último de Monte San-

to, seguindo completamente isolada. O mesmo acontecia com o “trem da artilharia, que, por vezes, ficava longamente separado do resto da coluna, como um trambolho obstruente entre a vanguarda e o comboio geral”.⁴² Felizmente, não mereceram a atenção dos conselheiristas, quem sabe surpreendidos que foram pelo novo caminho traçado.

“No dia 24 de junho, agravou-se a marcha. A coluna que decampara de Aracati ao meio-dia, porque teve de aguardar a vinda dos retardatários da véspera, endireitou unida para Juetê, ** distante 13.200 metros.”⁴³

“O General Artur Oscar chegou a Juetê, para onde se deslocara com o estado-maior e o piquete de cavalaria. O General Barbosa, à frente das 1ª e 3ª brigadas, marchava para a fazenda do Rosário, 4.700 metros à frente.”⁴⁴

Em Rosário, concentrou-se toda a Expedição. O inimigo deu sinais de presença, sob as ordens de Pageú. Tiroteou e desapareceu, para cair sobre a vanguarda (9ª de Infantaria) e sumir.

Acampados em Rosário, a 3ª Brigada avançara até as Baixas, seis quilômetros na frente. “O comandante-em-chefe enviou, então, ao General Saveget, um emissário reiterando o compromisso anterior de se encontrarem, a 27 (de junho), nas cercanias de Canudos.”⁴⁵

O General Artur Oscar não inovou. Nada mais fez que repetir o erro de seus antecessores. Porém, os conselheiristas tiveram três meses para preparar-se, familiarizarem-se com os novos fuzis e manter em plena atividade a rede de informantes

* N.R.: Couce: “Parte posterior de algo; traseira; retaguarda”(Dicionário Aurélio)

* N.A.: Ju-etê – espinho grande. Por extensão: capinheiral, grande espinheiro. Nota de Euclides da Cunha.

As brigadas aceleraram, deixaram para trás o comboio desguarnecido. Os homens do Conselheiro não perceberam, ou, quem sabe, procuravam atrair as vanguardas, o mais rápido, para junto de Canudos.

Próximo à chegada no Angico, apareceu novamente Pageú. Foi um ataque mais sério, mas, ainda assim, longe de ser um combate.

Atingiram Pitombas, “onde houvera o primeiro encontro de Moreira César com os fanáticos. O lugar era lúgubre. Despontavam em toda a banda recordações cruéis; (...). À margem esquerda do caminho, erguido num tronco – feito um cabide em que estivesse dependurado um fardamento velho –, o arcabouço do Coronel Tamarindo, decapitado, braços pendidos, mãos esqueléticas calçando luvas pretas... Jaziam-lhe aos pés o crânio e as botas.”⁴⁶ Os jagunços colocaram os esqueletos, vestidos com

fardamento roto e desbotado, “estirados no chão de supino, num alinhamento de formatura trágica; ou, desequilibradamente arrimados aos arbustos flexíveis, que oscilando à feição do vento, lhes davam singulares movimentos de espectro – delatavam demoníaca encenação adrede engenhada. Nada lhes haviam tirado, excluídas as munições e armas. Uma praça encontrou, no lenço envolto na tibia descarnada de um deles, um maço de notas somando quatro contos de réis – que o adversário desdeñara, como a outras cousas de valor, para ele despiciendas.”⁴⁷

Dois aspectos relevantes marcavam os seguidores do Conselheiro: só se apropriavam de armas e munições, desprezando mesmo a munição de boca, inclusive o gado.

O outro, o de nunca haverem organização de ações militares de caráter ofensivo para o controle de cidades (vilas) e fazendas, em sua área de influência espiritual, a fim de aumentar o perímetro defensivo. Para isso sobravam-lhes força. Durante os combates travados, perderam oportunidades, por falta de iniciativa, para, em contra-ataque, decidir combates a seu favor. As atitudes ofensivas limitavam-se a ações de tipo guerrilhas. Lutavam, tão-somente, pela manutenção do seu reduto, do seu lugar santo, da sua “terra da promessa”.

Se os soldados ficaram assombrados com o tétrico cenário, o inimigo não os deu tempo

para maiores conjecturas, pois continuavam a fustigar com menor ou maior intensidade a tropa oficial. Fora, sempre, prontamente repellido; no entanto, mantinha sua tática: atacar, sumir, para novamente atacar e sumir.

Foi lutando que a vanguarda arremeteu sobre as ladeiras, subiu em acelerado os morros e acabou por se ver em “um plano levemente inclinado, entre duas longas ondulações, fechado adiante por alguns cerros desnudos. Era o alto da Favela”.⁴⁸

Na favela

“É um morro desnudo e áspero. Raros arbustos esmirrados e sem folhas, raríssimos cereus ou bromélias esparsas despontam-lhe no cimo, sobre o chão duro, (...). Entretanto, embora desabrigado, quem o alcança pelo Sul não vê logo o arraial ao Norte. Tem que descer em suave declive”,⁴⁹ para vislumbrar a “tapera colossal”.

Porém, no afã da luta, a coluna uma vez mais dividiu-se; ao anoitecer, lá na Favela

“A tropa federal não era um batalhão de linha, como não era um batalhão de polícia; era um batalhão de jagunços.”

Euclides da Cunha

encontravam-se sua testa, uma bateria de Krupp e o restante das 2ª e 3ª brigadas. O grosso da tropa atrasara-se à retaguarda. Foi quando e onde ocorreu o real batismo de fogo para a Quarta Expedição: uma fuzilaria intensa e "cruenta".

"Não se via o inimigo. (...). As duas companhias do 25º Batalhão suportaram valentemente o choque. (...), as duas brigadas que as precediam, se abriram para que passasse a bateria. Esta jogada violentamente para a frente, arrastada mais a pulso que pelos mueres exaustos e espantados, passam entre elas, em acelerado, ruidosamente. Alinhou-se em batalha, no alto. Desenrolou-se à bandeira nacional. Uma salva de vinte e um tiros de granadas atroou sobre Canudos...

O General Artur Oscar, a cavalo junto aos canhões, observou pela primeira vez, em baixo, esbatido no clarão do luar deslumbrante, a misteriosa

cidade sertaneja; e teve o mais fugaz dos triunfos na eminência varejada ou que se expusera temerariamente. (...) (...) (...).

O chefe expedicionário definiu depois a conquista da Favela como um combate de êxito brilhante, mercê do qual o inimigo fugira, abandonando a posição expugnada. Entretanto, todos os sucessos ulteriores revelaram a ânsia irreprimível da tropa por abandoná-la e o empenho persistente dos jagunços em impedir que dali saísse.⁵⁰ Por fim, toda a primeira coluna ficou "prisioneira" naquela área restrita que não o com-

portava. Parecia haver caído em armadilha, cujo caminho fora ardidamente indicado pelos jagunços.

A troca de tiro nas fuzilarias que se seguiram era desigual. De um lado, "centenares de homens esbarrando-se desordenadamente, tropeçando nos companheiros que baqueavam, atordoados pelos estampidos, sem poderem arriscar um passo na região ignota sobre que descera a noite."

Do outro, "os jagunços atiravam sem riscos, de cócoras ou deitados no fundo dos passos. (...), restava aos combatentes permanecerem a pé firme na posição perigosa, aguardando o amanhecer.⁵¹

O combate durou pouco mais de uma hora. Cinquenta e cinco feridos foram removidos para um improvisado hospital de sangue. Vinte foram os mortos. Setenta e cinco as baixas do dia. Seguiu-se uma calma, o que permitiu distribuir a tropa e

localizar a artilharia. As sentinelas foram convenientemente colocadas. Após a banda de música da 3ª brigada executar vários dobrados, os soldados dormiram. A sensação foi de vitória. O moral estava alto.

Um fato, porém, pareceu não preocupar os conquistadores da Favela: o comboio de munições de guerra e de boca ficara desprotegido à retaguarda.

"Ao clarear da manhã de 28, reunidos na posição dominante da artilharia, oficiais e praças contemplavam, afinal, a 'caverna dos bandidos', segundo o dizer das ordens

**À margem esquerda do
caminho, erguido num
tronco – feito um cabide
em que estivesse
dependurado um
fardamento velho –, o
arcabouço do Coronel
Tamarindo, decapitado,
braços pendidos, mãos
esqueléticas calçando luvas
pretas... . Jaziam-lhe aos
pés o crânio e as botas.**

Euclides da Cunha

do dia do comandante.”⁵² Os oficiais perceberam que Canudos se constituía numa cidadela de difícil acesso, cuja geografia a protegia nos quatro quadrantes. Seus defensores poderiam cruzar seus tiros, sem deixar pontos mortos. O arraial havia crescido na mesma desordenada. “A igreja nova, quase pronta, alevantava as duas altas torres, assoberbando a casaria humilde, e completava a defesa.”⁵³

A opção pelo uso da artilharia pareceu ao comando clara e definitiva. No Coronel Olímpio Silveira, comandante das baterias, naquele instante, depositavam-se as esperanças de um sucesso rápido. Os casebres de taipa e seus moradores seriam triturados pelo fogo dos canhões.

A artilharia iniciou sua missão. O resultado pareceu a todos impressionante. Todavia, “os jagunços haviam dormido ao lado da tropa, por todas aquelas encostas riçadas de algares, e sem aparecerem, circularam-na para logo de descargas.”⁵⁴

A ação dos conselheiristas foi devastadora. O General Artur Oscar, posteriormente, assinalou que se sentira impotente e a descreveu como “chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num

sibilo horrível de notas”.⁵⁵ O General Barbosa relatou, em ordem do dia, que, durante os cinco anos que passara no Paraguai, nunca vira coisa igual.

Os jagunços, após procurarem a tropa desabrigada, convergiram para a artilharia.

“Dizimaram-na. Tombaram dezenas de soldados e a metade dos oficiais. Sobre o cerro, varrido em minutos, permaneceu, entretanto, firme a guarnição rarefeita e, no meio dela, atravessando entre as baterias, impassível, um velho de bravura serena e inamalgável – um valente tranqüilo, o Coronel Olímpio da Silveira. Foi a salvação. Em tal emergência, o abandono dos canhões seria o desbarato...”⁵⁶

A confusão generalizou-se. Todos atiravam a esmo. Não havia um alvo definido. Deixou

de existir a cadeia de comando. “Neste tumulto, a 3ª Brigada, disposta em colunas de batalhões, e tendo na vanguarda o 7º, começou a avançar, descendo na direção da Fazenda Velha, de onde rompiam mais fortes as descargas.” O 9º, sob o comando do mesmo Major Cunha Matos, que fugira, ao lado do 7º, em debandada, quatro meses antes, seguia-o. Redimiram-se, mostrando coragem e conduzindo seus homens



Coronel Olympio da Silveira,
Comandante das baterias (de artilharia)



Major Pereira de Mello
Comandante do 14º de Infantaria:
"ao abalar em reforço as linhas
do flanco direito, transcorridos
alguns metros, perdera a vida".

**Tenente-Coronel Cunha
Matos**
no comando do 9º, seguia o
avanço do 7º, ambos da 3ª
Brigada, descendo na direção da
Fazenda Velha.



ALGUNS DOS QUE



Coronel Thompson Flores
Comandante da 3ª Brigada, morto numa
heróica avançada



Capitão Pereira Pinto
assumiu a 3ª Brigada. "Era
assombroso: o 7º Batalhão
teve, em meia hora, 114 praças
fora de combate e 9 oficiais.

**Major Carlos Frederico de
Mesquita**
sucedeu Cunha Mattos. Teve
comando muito breve atingido
que foi mortalmente.

TOMBARAM VALENTEMENTE



sobre o inimigo. Comandava a 3ª Brigada o Coronel Thompson Flores. Lembrava, na ousadia, Moreira César. “Era lutador de primeira ordem. Sobravam-lhe coragem a toda prova e um quase desprezo pelo antagonista por mais temeroso e forte, que o tornavam incomparável na ação. Faltava-lhe, dentre os atributos essenciais do comando, principalmente, serenidade de ânimo, que permite a concepção fria das manobras dentro do afogamento de um combate.”⁵⁷

O ataque que desfechou fora de sua iniciativa, sem ordem superior. Estava determinado a chegar à praça das igrejas e mostrar que possuíam valores os que fizeram parte da coluna Moreira César. Descavalga para ficar junto com seus subordinados. “Por um requisito dispensável de bravura, não arrancara dos punhos os galões que o tornaram alvo predileto dos jagunços. Ao reatar-se, pouco depois, a avançada, baqueou, ferido no peito, morto.”⁵⁸

Coube ao Major Cunha Matos assumir ao comando. A ação assumida por Thompson Flores, além de haver ferido a disciplina, foi imprudente por temerária. Cunha Matos necessitava mostrar audácia, valentia, pois pesava contra ele a nódoa na expedição anterior. Contudo, atingido mortalmente, teve comando muito breve. O Major Carlos Frederico de Mesquita, que o sucedeu, morreu, também, em seguida. O Capitão Pereira Pinto assumiu a direção da brigada. “Era assombroso: o 7º Batalhão teve, em meia hora, 114 praças fora de combate e nove oficiais.”⁵⁹

“O 14º de Infantaria, ao abalar em reforço às linhas do flanco direito, perdera, transcorridos alguns metros, o comandante, Major Pereira de Melo. Substituiu-o o Capitão Martiniano de Oliveira e, a breve trecho, foi retirado da linha baleado. O Capitão Souza Campos, que lhe sucedeu, apenas dados alguns passos, caiu morto. O 14º prosseguiu comandado por um tenente.”⁶⁰

Nada do ocorrido estava em qualquer previsão do comandante-em-chefe, que, naquela “zona”, não tinha como exercer o comando. No meio do infortúnio, a munição se esgotava. “A artilharia, dizimada na eminência em que permanecera valentemente,

dera o último tiro, caindo o canhoneiro. Perdera a metade dos seus oficiais.”⁶¹

Os pedidos de suprimentos de munição começavam a chegar ao Quartel General. Foi quando lembraram-se do comboio. Mandaram para apressá-lo um capitão. Mas era tarde. A retaguarda fora cortada. “O 5º de Polícia tiroteava com os jagunços a duas léguas de distância.”⁶²

Consta da Ordem do Dia 118: “Atacado o comboio e interdita a passagem de qualquer soldado, como demonstraram os casos precedentes, tive de mandar uma força de cavalaria ao General Cláudio do Amaral Savaget, na intenção de receber socorro de munições, o que ainda uma vez contrariou meu pensamento, porque o piquete não pôde atravessar a linha de fogo do inimigo que tiroteava no flanco direito”.⁶³

A 1ª coluna estava sitiada na Favela. Só poderia sair daquela prisão “à ponta de baionetas e a golpe de espadas”. Mas, quanto custaria...

Dois aspectos relevantes marcavam os seguidores do Conselheiro: só se apropriavam de armas e munições, desprezando mesmo a munição de boca, inclusive o gado

“Fez-se porém uma última tentativa. Um emissário seguiu furtivamente, em busca da 2ª coluna, que estacionara a menos de meia légua ao norte...”⁶⁴

A Coluna Savaget

A 2ª Coluna partira de Aracaju. Caminhara a passo folgado e firme 70 léguas,* até as cercanias de Canudos. Viera pelo interior de Sergipe em brigadas isoladas até Geremoabo, onde se organizara a 8 de junho, prosseguindo a 16, unida, para o objetivo das operações. Eram 2.350 homens.

“Cláudio Savaget, sem avocar a si, inteira e rígrida, uma autoridade que sob tal forma seria contraproducente, repartira-a, sem deslizada inteireza militar, com os seus três auxiliares imediatos, coronéis Carlos Maria da Silva Teles, Julião Augusto de Sena Martins e Donaciano da Silva

Pantoja. E estes realizaram, até as primeiras casas do arraial, u’ a marcha que se destaca demais.”⁶⁵ Era uma coluna em sua maioria de gaúchos. Não havia instruções prescritas. A guerra ocorria em terreno em tudo diferente da campanha e das cochilas do Rio Grande do Sul. Diferente também o inimigo a combater. Enfim, compreendeu bem Savaget, um outro tipo de guerra. “Giraria toda em tática estreita e selvagem, feitas de deliberações do momento.”⁶⁶

O combate da 4ª Brigada do Coronel Teles

“As três brigadas ágeis, elásticas e firmes, abastecidas de comboios parciais, que lhes não travaram o movimento, preparadas para esperar – o inesperado.” A 4ª Brigada vinha à frente. “Dirigia-a o Coronel Carlos Maria da Silva Teles – a mais inteira organização do nosso Exército nos últimos tempos.

Perfeito espécimen desses extraordinários lidadores rio-grandenses – bravos, joviais e fortes –, era como eles feito pelo molde de Andrade Neves. Era um chefe e um soldado: arrojado e refletido, impávido e prudente, misto de arremessos temerários e bravura tranqüila; não desadornado o brigar ao lado da praça de pré no mais aceso dos encontros, mas depois de haver planeado firmemente a manobra.

A campanha federalista do Sul dera-lhe invejável auréola. A sua figura de campeão – porte dominante e alto, envergadura titânica, olhar desassombrado e leal. (...) A campanha de Canudos ia ampliar-lhe o renome. Compreendeu-a como poucos. Tinha a intuição guerreira dos gaúchos.”⁶⁷ Procurou, dentro da exigência do tempo, adestrar seu pessoal, de modo a transmutar o campeão do Rio Grande num soldado apto a, com agilidade, efetuar a marcha no difícil

O combate para a conquista de Favela durou pouco mais de uma hora. Cinquenta e cinco feridos foram removidos para um improvisado hospital de sangue. Vinte foram os mortos. A sensação foi de vitória. O moral estava alto

* N.A.: Medida itinerária equivalente a 6.000 metros, segundo *Dicionário Aurélio*.

terreno do sertão. Dos seus gaúchos escolheu “60 homens, cavaleiros adestrados, e constituiu um esquadrão de lanceiros, sob o comando de um alferes. Era uma inovação e parecia um erro.”⁶⁸ Mas foi importante nos reconhecimentos efetuados, o que permitiu que, pela primeira vez, uma tropa expedicionária dos sertões não se deixasse surpreender.⁶⁹

A 25 de junho de 1897, antes do meio-dia, a vanguarda da força fez alto ante a barreira formada pelas seras do Cocorobó; eram perto de 500 metros.

O inimigo fora identificado pelos lanceiros que retornaram “a toda rédea”, com a preciosa informação para a 5ª Brigada, que tomou posição para o combate. “O General Savaget, prevenido do encontro, adiantara-se acompanhando a 4ª Brigada. Estacou a 400 metros da vanguarda, a fim de aguardar a 6ª, a divisão de artilharia e os comboios marchando ainda cerca de três quilômetros à retaguarda.”⁷⁰

Entrementes, mais de 800 homens a mando do Coronel Serra

Martins iniciavam o ataque. O fogo intenso dos atacantes foi respondido pelos jagunços, que “sustentaram o choque com

valor”. “Audaciosos e tenazes, diz a parte de combate do comando geral, qualidades essas que eram ao que parece reforçadas

pelas excelentes posições que ocupavam, (...), não arredavam o pé e aceitaram e sustentaram com energia o ataque, tanto que começamos a ter algumas baixas por mortes e ferimentos.”⁷¹

Porém, os soldados não conseguiram avançar. “No fim de três horas de fogo, os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno.”⁷² Os sertanejos mantinham-se invisíveis aos atiradores. Era impossível avaliar-lhes o número. O impasse estava estabelecido. Entre os alvitre apresentados, que incluía um recuo ordenado até a tropa ficar fora do alcance dos tiros, prevaleceu o de atacar: “arremeterem em cheio com os outeiros, conquistando-os. Era o mais heróico e o mais simples. Sugeriu o Coronel Carlos Teles. O General Savaget adotou-o.”⁷³

Pôde executá-lo, pois apenas um terço da tropa estava engajada. Concentrou toda

a coluna, à exceção da 6ª Brigada, que permanecem à retaguarda em reforço e garantindo os comboios.

A ação dos conselheiristas foi devastadora. O General Barbosa relatou, em ordem do dia, que, durante os cinco anos que passara no Paraguai, nunca vira coisa igual. Os jagunços, convergiram para a artilharia. Dizimaram-na. Tombaram dezenas de soldados e a metade dos oficiais. A confusão generalizou-se. Todos atiravam a esmo.

*

No ataque a Canudos, o 7º Batalhão teve, em meia hora, 114 praças fora de combate e nove oficiais

*

Os pedidos de suprimentos de munição começavam a chegar ao Quartel General. Mas era tarde. A retaguarda fora cortada



GENERAL ARTHUR OSCAR E SEU ESTADO-MAIOR

Em acima: Veterano da Guerra da Tríplice Aliança, como tenente, e da Guerra Civil Brasileira, no Rio Grande do Sul, ocasião em que fora promovido a general-de-brigada, o impetuoso comandante tático do Teatro de Operações foi surpreendido pela tenaz resistência em posição de guerrilheiros conselheiristas, bem diferente da guerra de movimento dos pampas sulinos.

Infante, carioca, sua maior virtude foi jamais esmorecer ou pensar em retrair mesmo nos momentos mais críticos. Af o vemos, de lenço branco no pescoço, ao lado de seus auxiliares imediatos.

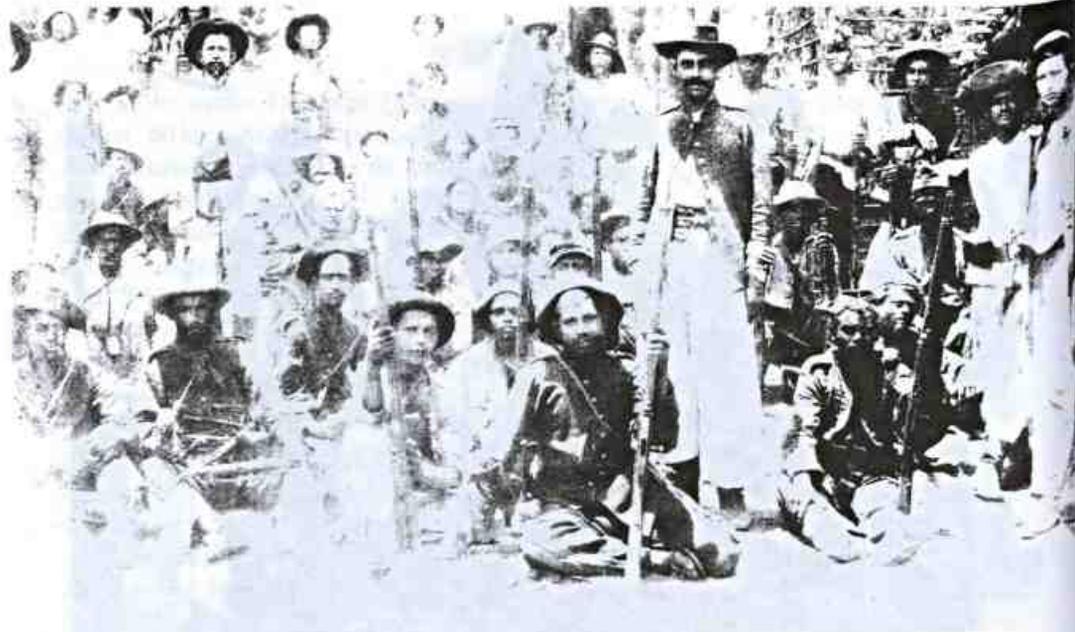
A VIDA MILITAR NOS CANUDOS

Abaixo: Rio-grandense de nascimento, participou da Guerra Civil no Estado de Mato Grosso, ao lado dos revoltosos. Era valente e obstinado, comandou a 1ª Coluna do início ao término das ações de combate, mesmo ferido. Oriundo da Arma de Cavalaria. Destaque para as lanças ensarilhadas, a flâmula de comando e o rancho de pau-a-pique, com "alpendre" coberto de palha, onde funcionava seu Quartel-General.

Foi ele que se apossou da cidadela, em 5 Out 1897.

GENERAL BARBOSA E SEU ESTADO-MAIOR





7ª BATALHÃO DE INFANTARIA NAS TRINCHEIRAS

Sediado na capital federal, embarcou sob o comando do Coronel Moreira César para Florianópolis (então Desterro) – onde garantiu o retorno à legalidade republicano, durante a Guerra Civil 1892/5 – deslocando-se para Canudos, como a principal tropa da III Expedição.

Após o desastre de 3/4 de março de 1897, foi reorganizado em Queimadas e retornou ao campo de batalha, integrando a 1ª Brigada/1ª Coluna/IV Expedição, até o final das hostilidades. A imagem revela que não existiam crianças em suas fileiras, mas praças veteranas e um oficial (capitão).

No dispositivo territorial do Exército, sua parada era a cidade de São João d'El Rei (MG). Entretanto, foi movimentado de Bagé (RS), para onde tinha sido transferido durante a Guerra Civil 1892/5, deflagrada naquele estado da Federação, ocasião em que resistiu bravamente ao cerco da cidade pelos maragatos, ao comando do Coronel Carlos Maria da Silva Teles, também presente em Canudos. Apresentou-se na linha de contato armado com obsoletos fuzis Comblain, modelo 1878. A grande maioria das praças era da raça negra, como se vê.

Fotografia colhida, provavelmente, sobre o leito seco do Rio Vaza-Barris.

31ª BATALHÃO DE INFANTARIA EM FORMA





HOSPITAL DE SANGUE

A assistência sanitária em Canudos foi prejudicada particularmente pela carência de medicamentos, de pessoal técnico e de material cirúrgico. Muitos feridos morreram em razão de cirurgias e amputações praticadas em condições adversas. O Hospital de Sangue era armado na contra-encosta do morro da Favela, ou em plena linha de fogo, aproveitando os ângulos desafiados.

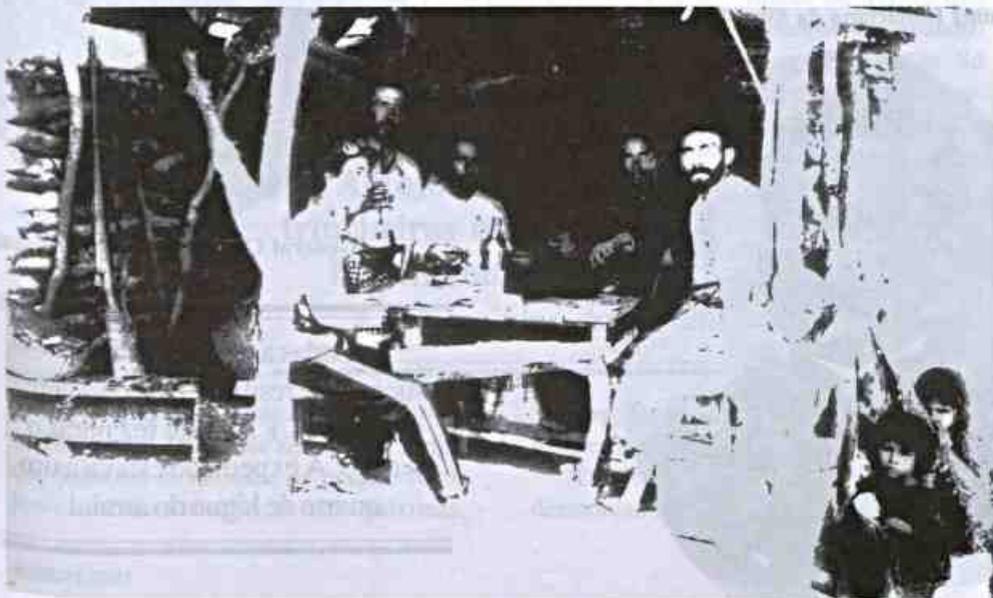
A IV Expedição teve 83 (oitenta e três) oficiais e 827 (oitocentos e vinte e sete) praças mortos em ação. Suas baixas foram superiores às infligidas aos conselheiristas, como costuma acontecer nos ataques a posições defensivas organizadas.

• • •

Esta fotografia é muito elucidativa. Nela ressaltam as precárias condições de sobrevivência, no momento em que a linha de cerco se estabilizou. Todos os adultos são oficiais, à exceção do jovem imberbe, que enverga uniforme de cadete, provavelmente voluntário para a luta. Um fuzil Mauser 7mm, modelo 1894, e um fuzil Mannlicher, modelo 1888, estão encostados à parede. Contudo, o mais importante é o registro de 3 (três) menores bem nutridos e bem vestidos (2 meninas), que certamente vem desfazer a ampla campanha negativa desencadeada contra os militares, acusando-os de tratamento desalmado às crianças sertanejas, vítimas inocentes de um conflito sabidamente perverso, mas não desejado por eles.

Um rosto infantil, mal definido, aparece um pouco atrás.

BOIA NA BATERIA DO PERIGO





General Carlos Maria da Silva Teles

“No fim de três horas de fogo, os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno.”

Os sertanejos mantinham-se invisíveis aos atiradores

Euclides da Cunha

Coronel Donaciano da Silva Pantoja



“Cinco batalhões debatiam-se entre morros, sem vantagem sensível, depois de quatro horas de luta. Os soldados encaçaram-nos; e revigorada logo, em todos os pontos, a investida, num movimento único para frente, propagou-se até as alas da extrema esquerda. Era a vitória.” Predominava em suas fileiras o soldado rio-grandense

Euclides da Cunha



General Cláudio do Amaral Savaget

Todas as garantias de sucesso se resumiam na coragem pessoal. (...). A noite fez parar o avanço. A expedição estava a um quarto de légua do arraial

O plano de ataque foi traçado. O conjunto da formatura atacou à uma, em obediência à ordem recebida. "E a carga que logo depois se executou semelhou uma percussão, uma pancada única de mil e seiscentas

baionetas de encontro a uma montanha. (...). Tomara-lhe a frente o Coronel Carlos Silva Teles. Este oficial notável – recordando Osório na postura – atravessou com sua gente todo o trecho do campo varejado de balas. (...) Os jagunços não haviam contado com este movimento temerário", em razão, sobretudo, "dos obstáculos de uma ascensão difícil, às posições que ocupavam. Pela primeira vez, se deixaram surpreender por inesperada combinação tática que os desnorteava, obrigando-os a deslocarem para outros pontos os lutadores de antemão destinados a travarem as duas passagens estreitas, por onde acreditavam investiria toda a tropa. A 4ª Brigada, realizando a mais original das cargas de baionetas, por uma ladeira íngreme e crespa, ia decidindo o pleito. Foi um lance admirável⁷⁴ (...)"

O Coronel Teles teve seu cavalo atingido. Substitui-o. Animou os praças. Arrojou-os sobre as trincheiras mais próximas.

Encontrou-as vazias. Os jagunços recuavam para a proteção de outros acidentes do terreno. Sempre a mesma tática. Os mortos e feridos eram muitos. Era o preço a pagar.

"Ao fundo da garganta, tinham entrado

"No fim de três horas de fogo, os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno." Os sertanejos mantinham-se invisíveis aos atiradores

Euclides da Cunha

*

E a carga que logo depois se executou semelhou uma percussão, uma pancada única de mil e seiscentas baionetas de encontro a uma montanha. (...).

Tomara-lhe a frente o Coronel Carlos Silva Teles que teve seu cavalo atingido. Substitui-o.

Animou os praças. Arrojou-os sobre as trincheiras mais próximas. Encontrou-as vazias.

Euclides da Cunha

os sessenta homens do esquadrão de lanceiros e a divisão de artilharia. (...) Nas vertentes da esquerda, a 5ª Brigada, perdida igualmente a formatura primitiva, lutava do mesmo modo tumultuário. A ação tornou-se formidável. Cinco batalhões debatiam-se entre morros, sem vantagem sensível, depois de quatro horas de luta.⁷⁵

Por fim, alguns pelotões do 31º de Infantaria "galgaram, num ímpeto incomparável de valor, as trincheiras mais altas da vertente direita."⁷⁶ Cortaram as linhas de defesa dos jagunços, que abandonaram as posições. Só que desta vez não recuaram, fugiram. "Os soldados encaçaram-nos; e revigorada logo, em todos os pontos, a investida, num movimento único para frente, propagou-se até as alas da extrema esquerda. Era a vitória."⁷⁷

Mas os jagunços re-tornariam ainda, com tiros espaçados e de longa distância.

"O General Savaget foi atingido e desmontado juntamente com um ajudan-

te de ordens e parte do piquete, quando, à retaguarda da coluna, penetravam a garganta da direita e já se ouviam ao longe as aclamações triunfais dos combatentes da vanguarda.”⁷⁸

Os conselheiristas, lutando sempre, haviam sofrido sua primeira grande derrota, e “deram, posteriormente, a denominação de ‘batalhão talentoso’ à coluna que lho infligira por si só a derrota. Porque o combate de Cocorobó (...) foi de fato um raro golpe de audácia, apenas justificável, senão pelo positivo das tropas que o vibraram, pela sua natureza especial. Predominava em suas fileiras o soldado riograndense. E o gaúcho destemeroso, se é frágil ao suportar as lentas privações* da guerra, não tem par no se despenhar em súbitos lances temerários.”

“A infantaria do Sul é uma arma de choque. (...) Nos encontros à arma branca, aqueles centauros apeados arremetem com os contrários, como se copiassem a carreira dos ginetes ensofregados dos pampas. E a ocasião sorria-lhe para a empresa estupenda levada a cabo com brilho inexcédível.”⁷⁹

As baixas atingiram 178 homens fora de combate, dos quais 27 mortos; entre eles dois oficiais mortos e dez feridos.

A marcha continuou lenta, pois o inimigo não dava tréguas. No dia seguinte, 27

de junho de 1897, deviam estar na orla de Canudos, comunicou aos seus subordinados o General Saveget. Já eram vistos sinais da “cidadela de barro”.

O combate da 6ª Brigada do Coronel Pantoja – Combate de Marambira

A 6ª Brigada, com 33º de Infantaria, penetrara nos subúrbios de Canudos. Foram

recebidos com todas as “honras”, pois viram-se batidos pelos flancos, em combate sério, os batalhões do Coronel Pantoja. Foi adotado o expediente das vésperas. “Os 26º, 33º e 39º desdobraram-se em linha e calaram baionetas.” E partiram para o ataque. Uma vez mais, o terreno favorecia os defensores. Eram colinas e mais colinas, “apontando o terreno rugado, desatado por muitos quilômetros em roda”. “A breve trecho, os três batalhões da vanguarda se viram impotentes para suportarem a peleja: (...). Uma companhia do 39º, no come-

ço da ação, fora literalmente esmagada; perdeu o comandante, (...), conquistando afinal a posição, depois de grandemente rarefeita, às ordens de um sargento.

A área era muito extensa para uma única brigada. Os 12º, 31º, 35º e 40º Batalhões vieram em reforço. “Eram mais de mil baionetas, quase toda a coluna empenhada no

**“Cinco batalhões
debatiam-se entre morros,
sem vantagem sensível,
depois de quatro horas de
luta. Os soldados
encalçaram-nos; e
revigorada logo, em todos
os pontos, a investida, num
movimento único para
frente, propagou-se até as
alas da extrema esquerda.
Era a vitória.”**

**Predominava em suas
fileiras o soldado
riograndense**

Euclides da Cunha

* N.A.: As lentas privações, como suportá-las, são características do nordestino.

conflito. Os jagunços então recuaram; e recuando lentamente, de colina em colina, desalojados de um ponto para surgirem noutra, obrigando os antagonistas a um contínuo subir e descer de ladeiras, parecia desejarem arrebatá-los até o arraial exaustos e torturados de tiroteios. Volviam à tática invariável.”⁸⁰ Este foi o combate de Marambira, nome do sítio adjacente.

Ao final, registra Euclides da Cunha: “(...) porque impropriando o terreno quaisquer combinações táticas capazes de balancearem as negações vertiginosas do inimigo, todas as garantias de sucesso se resumiam na coragem pessoal. (...).

A noite fez parar o avanço. A expedição estava a um quarto de légua do arraial.

Viam-se, fronteiras e altas, longe, branqueando o empardecer do crepúsculo, as torres da igreja nova...”⁸¹

O General Savaget cumprira a missão recebida. Chegara a Canu-

dos na data que lhe fora determinada. O preço foi alto: 329 baixas, oito oficiais mortos e 18 feridos.

*
* *

A 2ª coluna sustentou o avanço na manhã do dia 28. Foi iniciado o bombardeio do arraial. O Coronel Carlos Teles tomara posição mais à frente. Um piquete de cavalaria fizera esclarecimento até a proximidade da Favela. Saveget estava pronto para iniciar o ataque. Sua tropa, agora bem adaptada à luta contra os jagunços, com o moral alto, possuía os fatores de força necessários para dar continuidade à avançada, e, em coordenação com Artur Oscar, obter, por fim, a vitória que a Nação esperava.

A lacônica ordem do dia, datada de 26, na qual Savaget comunicou aos seus comandados o próximo assalto a Canudos, reflete seu caráter de chefe de poucas palavras. Ocorreu em Trabubu, na travessia dos desfiladeiros:

“Acampamento no campo de batalha de Cocorobó, 26 de junho de 1897.

“Meus camaradas. Acabo de receber do Sr. General comandante-em-chefe um telegrama comunicando-me que amanhã nos abraçaremos em Canudos. Não podemos, portanto, faltar ao honroso convite, que é para nós motivo de justo orgulho e completa alegria.”

Não tinha dúvidas sobre o término da campanha o General Cláudio do Amaral Savaget.

O início do revés

Mas ocorreu o inesperado. Apareceu no acampamento um sertanejo, emissário do comandante-em-chefe,

com a ordem de imediato socorro. Não poderia ser verdade. O homem é retido e interrogado. Pouco depois chega outro. Agora um alferes. O apelo à 2ª Coluna era urgente. Esclarecido, Saveget partiu para a Favela, com toda sua coluna, onde chegou em torno das 11 horas.

“Preposterara-se, porém, todo o plano de campanha e, do mesmo passo, se anulara o esforço despendido nas marchas pelo Rosário e Geremoabo.”⁸²

Com o agravante de que, agora, toda a expedição encontrava-se prisioneira, “porque os enlaçava a cintura de pedras das trincheiras, impertérritos, porque lhes era impossível o recuo; forçadamente heróicos, encurralados, cosidos à bala numa nesga de chão.”⁸³

*
* *

O Coronel Serra Martins, com a 5ª Brigada, recebeu, imediatamente, ordem de salvar o comboio retido à retaguarda. "Chegou até Umburanas, ainda a tempo de impedir o desastre do 5º de Polícia e salvar

parte dos volumes de 180 cargueiros, que, dispersos pelo caminho, tinham sido grandemente danificados pelos jagunços."⁸⁴ Mas seria apenas um paliativo para os dias difíceis, desesperadores mesmo, que a Quarta Expedição sofreria, encurralada no morro da Favela. (CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Brasil / Política; Militares; Prudente de Moraes (Presidente da República); Guerra de Canudos; Antônio Conselheiro; Oscar, Arthur (General); Savaget, Cláudio do Amaral (General);

BIBLIOGRAFIA

1. SAMPAIO, Consuelo Novais. Canudos, cartas para o Barão – *Edusp, Editora da Universidade de São Paulo; São Paulo, SP; 1999, p. 59.*
2. Revista Marítima Brasileira, v. 120, nºs 7 a 9, jul./set. 2000 p. 45.
3. Ib., p. 47.
4. SANTOS, José Maria. A Política Geral do Brasil. *J. Magalhães; São Paulo, SP; 1930; p. 342.*
5. BELLO, José Maria. História da República. *Companhia Editora Nacional; São Paulo, SP; 1969; p. 152.*
6. ALBUQUERQUE, Antônio Luiz E. Porto e. O pensamento sobre a guerra no Brasil, no século XIX. *Rio de Janeiro, 1986; p. 3.*
7. Ib., p. 5.
8. Ib., p. 6.
9. Ib.
10. SENA, Davis Ribeiro de. "A Guerra das Caatingas". *Revista do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro, jul./set. 1990, p. 29.*
11. Ib., p. 14
12. SANTOS, José Maria. Op. cit. P. 339.
13. CARNEIRO, Glauco. A História das Revoluções Brasileiras, 1º volume. *Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro; 1965; p. 111.*
14. Ib., p. 114.
15. RIBEIRO DE SENA, Davis. Op. cit., p. 12.
16. Ib., p. 16

17. *Ib.*, p. 15.
18. CUNHA, Euclides da. Os Sertões (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves; Rio de Janeiro; 1952; p. 330.
19. *Ib.*
20. OLIVEIROS, Litrento. Canudos, visões e revisões. Biblioteca do Exército Editora; Rio de Janeiro; 1998; p. 158.
21. *Ib.*, 130.
22. *Ib.*
23. CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 327.
24. SENA, Davis Ribeiro de. Op. cit., 17.
25. *Ib.*
26. SAMPAIO, Consuelo Novais. Op. cit., p. 54.
27. *Ib.*, p. 68.
28. SENAA, Davis. Op. cit., p. 23.
29. *Ib.*, p. 18
30. CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 329.
31. *Ib.*
32. *Ib.*
33. *Ib.*, 327.
34. *Ib.*, p. 328.
35. *Ib.*, p. 331.
36. *Ib.*
37. *Ib.*, p. 339.
38. *Ib.*, p. 335
39. *Ib.*
40. *Ib.*, p. 336.
41. *Ib.*, p. 338.
42. *Ib.*, p. 339.
43. *Ib.*, p. 342.
44. *Ib.*, p. 344.
45. *Ib.*
46. *Ib.*, p. 347.
47. *Ib.*
48. *Ib.*, p. 348.
49. *Ib.*, p. 349.
50. *Ib.* pp. 349/350.
51. *Ib.*, p. 351.
52. *Ib.*, p. 353.
53. *Ib.*, p. 353.
54. *Ib.*, p. 354.
55. *Ib.*
56. *Ib.*, p. 355.
57. *Ib.*, p. 356.
58. *Ib.*
59. *Ib.*
60. *Ib.*
61. *Ib.*, p. 357.
62. *Ib.*
63. *Ib.*
64. *Ib.*, p. 358.
65. *Ib.*, p. 360.
66. *Ib.*
67. *Ib.*, p. 361.
68. *Ib.*
69. *Ib.*, p. 362.
70. *Ib.*, p. 364.
71. *Ib.*
72. *Ib.*, p. 366.
73. *Ib.*, p. 367.
74. *Ib.*, p. 369.
75. *Ib.*
76. *Ib.*, p. 370.
77. *Ib.*
78. *Ib.*
79. *Ib.*, p. 371.
80. *Ib.*, p. 373.
81. *Ib.*
82. *Ib.*, p. 376.
83. *Ib.*, p. 378.
84. *Ib.*, p. 376.

ERRATA

COLÉGIO NAVAL, 50 ANOS DE ENSINO DE EXCELÊNCIA

(RMB 1ºtrim/2001, pág. 27)

Recebemos do Colégio Naval carta encaminhando 4 erratas que serão apresentadas nesta página e nas de número 146, 150 e 162.



CMG	MARIO COSTA FURTADO DE MENDONÇA.....	-	Diretor
CF	FRANCISCO DUQUE GUIMARÃES.....	-	Vice-Diretor
CC	OCTÁVIO JOSÉ SAMPAIO FERNANDES.....	-	Chefe Depto. Ensino
CC (IM)	ZALDIR VIANA DE AMORIM.....	-	Chefe Depto. Intendência
CT	ROBERTO FERREIRA TEIXEIRA DE FREITAS.....	-	Enc. Corpo de Alunos
CT	HÉLIO MARROIG DE MELLO.....	-	Chefe Depto. Material
CT	JOSÉ FRANCISCO PEREIRA DAS NEVES.....	-	Enc. Divisão de Pessoal
CT	ÁLVARO SOARES R. DE VASCONCELOS.....	-	Corpo de Alunos
CT (MD)	MOACYR MIRABEAU DE CARVALHO SOARES.....	-	Chefe Depto. Saúde
1ºTEN	HÉLIO MORTEIRA DE CARVALHO.....	-	Depto. de Material
1ºTEN	LUIZ LEAL FERREIRA.....	-	Corpo de Alunos
1ºTEN	LAURO NOGUEIRA FURTADO DE MENDONÇA.....	-	Corpo de Alunos
1ºTEN (FN)	ANTÔNIO CARLOS PEIXOTO LARANGEIRAS.....	-	Corpo de Alunos
1ºTEN (IM)	ANTÔNIO MOYA GOMES.....	-	Depto. de Intendência
1ºTEN (MD)	JAIME DE FRANÇA TORRES.....	-	Depto. de Saúde
1ºTEN (CD)	DALTON PIMENTEL MARINHO.....	-	Depto. de Saúde
Dr.	ÁLVARO PESSOA.....	-	Depto. de Saúde